

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário Comércio e Indústria Class.: 89

Data: 5 de Outubro de 1984 Pg.: _____

Ponto de vista

O índio no Brasil — final

■ Arruda Camargo

Com a perda da língua cabocla, perdemos grande parte de nós mesmos. É como se o Brasil começasse do nada, em 1500, tendo os descobridores encontrado a terra vazia e silenciosa. Percorria, eu, há alguns anos, o interior do Paraguai, quando avistei uma placa: "Ita-in". Disse ao meu acompanhante de viagem, um motorista de Assunção: "No tupi, quer dizer pedra pequena." Ele respondeu-me: "O lugar onde nasce a pedra." Quando lhe perguntei se falava o guarani, respondeu: "Sou paraguaio!" Nessas duas palavras expressou todo o seu orgulho nacional, disse-me tudo sobre a sua pátria, sobre o seu povo, sobre as razões de um quase fanatismo que faz do povo paraguaio o mais promissor da América do Sul; um povo que caminha para o seu futuro sem pressa, mas com segurança e determinação. Encravado no interior do Continente, sem vistas para o mar, cercado de países poderosos que o ameaçam desde as suas origens, o povo paraguaio se fortaleceu na conservação da língua guarani, fazendo dessa língua a sua maior trincheira, a fonte inspiradora da sua unidade nacional. Graças a esse elemento conseguiu permanecer como nação e colocar-se entre os povos mais vigorosos da América do Sul.

Falta-nos esse entendimento, essa consciência linguística, o "sentido que cada um possui da sua língua", no dizer de Serafim Neto.

O Brasil continua surdo para a língua que era falada em seu território desde épocas imemoriais, língua que nasceu em nosso Continente, inspirada na sua fauna, na sua flora, na sua topografia. Como não temos consciência da

língua procuramos através de reformas colocá-la ao nosso alcance, do mesmo modo como, sem consciência democrática, mudamos o texto constitucional, ajeitando-o às conveniências dos grupos dominantes, das minorias que se encontram no poder.

Acusando a nação do crime de não conservar suas tradições, observou Humberto de Campos: "É desse crime que está sendo vítima, aos poucos, a formosa língua de que se serviram não só os que encheram de heróico alarido as florestas em que hoje se empinam as torres das nossas capitais, mas, igualmente, aqueles que, vindo depois com a cruz de Cristo sangrando nas velas, plantaram no meio das matas as primeiras sementes destas cidades." Ou, no dizer de Couto de Magalhães: "... é uma importante página da história da humanidade que se apaga, e que, depois, não poderá mais ser restaurada." Anchieta igualava a língua tupi, pela sua correção, à grega. João de Laet considerava-a tão rica e elegante como a latina. Teodoro Sampaio: "Não há quem desconheça a predominância do tupi nas nossas denominações geográficas. Para José de Alencar a língua é o principal arquivo de uma nacionalidade. A língua de um povo, como a nossa, portuguesa, é feita com paciência, ao longo dos séculos. No dizer de Anatole Franco: "A língua francesa sairá dos trigais, como o canto da cotovia, "il est tout fleuri des fleurs de champs et des bois". A língua tupi para a qual não temos ouvido, tem, para Humberto de Campos, "o cheiro da resina virgem, gosto de fruta agreste, rumores de selva selvagem..." E tudo isso está-se apagando da nossa memória como a fonte no areial ressequido...